



[Recensão a] Augusto de Miranda Pinho, Normas Práticas de Prospecção Arqueológica

Autor(es): D'Encarnação, José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45450>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_35_11

Accessed : 7-Feb-2020 22:43:58

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXV – 1996

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

DOI: [https:// dx.doi.org/10.14195/1647-8657_35_11](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_35_11)

ISSN: 0084-9189

RECENSÃO

Augusto de Miranda PINHO, *Normas Práticas de Prospecção Arqueológica*.
Edição de Autor, Amarante, 1989, 36 pp., ilustr.

Só agora este opúsculo me chegou às mãos; creio, porém, que nunca será tarde de mais para sobre ele tecermos algumas considerações.

Com mais de 80 anos (nascera em Amarante, a 22 de Agosto de 1904), já impossibilitado de ver, Miranda Pinho não perdeu o seu espírito de lutador pela causa do património e, bem industriado na escola da vida em que seu pai, o conhecido etnólogo José de Pinho, o educara, ditou, antes de falecer, estes leves apontamentos, no intuito de transmitir aos mais novos aquilo que um «saber de experiências feito» lhe proporcionara. Como escreveu Colette Magny, “quando um velho morre, é uma biblioteca que arde”; e Miranda Pinho quis evitar que... a biblioteca ardesse. Honra à sua memória!

Conimbriga, 35 (1996), p. ~~219-239~~ 220-222

Depois de apresentar o Autor e a sua obra, esclarece o Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva, na nota introdutória, que o livrinho “não se destina a eruditos”; foi, apenas, intenção singela torná-lo acessível “aos estudantes das nossas escolas, a todos aqueles que (...) gostem de calcorrear montes e vales com o fito de localizarem vestígios dos nossos mais longínquos antepassados» (p. 12).

E, na verdade, o livrinho é isso mesmo: uma conversa amena, salpicada de saborosas histórias, onde se explica como podem encontrar-se as coisas de antanho: as normas a observar; como se colhem informações; quais as melhores épocas para a prospecção (após as chuvas, aconselha...); cuidados a ter no recurso a cartas topográficas; os lugares a preferir... E, acima de tudo, a importância que detém a prospecção:

«Eu sei que é trabalho que se não vê e que, por isso, as autarquias lhe não dão os auxílios que seriam necessários, tanto mais que não rende votos e o IPPC não pode subsidiar tão vastos trabalhos» (p. 30).

Curiosamente, aqui e ali, a talhe de foice, vem a informação da necrópole, do lagar, da sepultura cavada na rocha, da ânfora com grafitos no bojo... achegas que os arqueólogos da região amarantina certamente não deixaram perder e que constituem importante manancial, inclusive para a história da investigação arqueológica em Portugal, ao tempo dum Leite de Vasconcelos, dum José Fortes ou dum Martins Sarmento, com quem, através do pai, Augusto de Miranda Pinho privou na sua juventude. E não falta a nota, pitoresca, de como a necrópole “lusitano-romana” sita “a cerca duns 80 metros do local denominado Ataúdes”, no atalho que de Lufrei conduz a Amarante, não foi convenientemente explorada, porque o terreno “pertencia a um ‘talaça’ e meu Pai e eu éramos republicanos”, “o que prova”, conclui com fina ironia — e flagrante actualidade!... —, “que a ‘porca’ da política até nos ‘cacos’ velhos se mete” (p. 25).

Aliás, Miranda Pinho não poupou a crítica, sempre que lhe pareceu oportuna (e oxalá nenhuma tenha caído em saco roto!). Assim, a propósito duma peça de cerâmica fora do comum que recolhera, acrescenta «que ainda se pode observar no já citado Museu de Amarante, aonde eu, em má hora, a depositei» (p. 23).

Tentei, por exemplo, identificar alguns dados soltos com as referências insertas no 1.º fascículo do II volume (pp. 24-25) de *Roman Portugal*, de J. Alarcão (Warminster, 1988), mas não é tarefa fácil, à primeira vista, dada a imprecisão dos elementos fornecidos quer por Miranda de Pinho quer pelos textos em que Jorge de Alarcão se baseou. Por exemplo: será a atrás referida necrópole a que vem mencionada no *Roman Portugal* sob o n.º 418, como sita em Quebrada, na freguesia de Lomba: “uma necrópole de incineração cujo espólio se reduz a cerâmica comum, difícil de datar”, informação colhida precisamente num artigo de José Fortes (in *Portugália* 2 1905-1908, 252-262)?

Já sobre uma “estação eneolítica” cuja localização acaba por não precisar e de que trata nas pp. 23-24 se poderá ter mais sorte. Seu pai teria feito sobre ela uma comunicação na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e Afonso do Paço lograra enviar a um laboratório de Londres os restos carbonizados de “favas equinas e de sorgo” daí exumados. Miranda Pinho confessa que foram baldados os

seus esforços para saber onde essas informações vieram a lume. Creio, no entanto, que os resultados obtidos por Afonso do Paço se poderão encontrar na comunicação intitulada “Nota sobre sementes proto-históricas e outras encontradas em Portugal», que apresentou ao III Congresso Nacional de Arqueologia (Galicia, 1953) e que vem nas pp. 510-515 das respectivas actas (Zaragoza, 1955). Por outro lado, seu pai também se referira ao assunto em 1930, por altura da celebração, em Coimbra e no Porto, do XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique, em intervenção a que deu o título de «Sur les graines trouvées dans la station énéolithique de Pepim — Amarante», que seria inserida a pp. 356-358 do volume de actas (Paris, 1931).

Ilustram o volumezinho, ao final, três estampas: ^{uma} ~~uma~~ sobre pedras oscilantes e gravuras rupestres da Serra da Aboboreira; as outras duas são fotografias de lagares abertos na rocha.

Uma obra singela, portanto; “ingénua” a poderiam qualificar espíritos de pendor mais radical. Em meu entender, é, exactamente por essas suas características, um livrinho a referir na história da Arqueologia nortenha. Não tanto pelo que explicita; sobretudo pelo que deixa subentender.